

## DEPOIMENTO: MEU ENCONTRO COM A HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA



*Eliza Atsuko Tashiro*  
(FCLAs-UNESP)

Meu encontro com a Historiografia da Lingüística foi o contato com a Profa. Dra. Cristina Altman, pelo qual devo meu agradecimento a minha amiga Noriko Shindo.

Da disciplina Historiografia da Lingüística tomei conhecimento um pouco antes, quando soube do seu oferecimento no Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade de São Paulo, onde também eu cumpria a minha última obrigação no Mestrado: a redação da dissertação. Creio que era o ano de 1996. Lembro-me que fiquei agradavelmente surpresa por saber da disciplina, mas também lamentei que essa descoberta não tivesse ocorrido antes, bem antes. Durante muitos meses da fase do Mestrado, sentia a necessidade de estabelecer o contexto histórico e intelectual que era o pano de fundo, nem por isso menos importante, da produção dos primeiros manuais da língua japonesa no modelo da gramática latina, a *Arte da Língua de Iapam* (1608) e a *Arte Breve da Língua Iapoa* (1620), de autoria do jesuíta português Pe. João Rodrigues (1561-1633). Foi um exercício de tateamento às cegas, e sem qualquer critério, sobre livros e artigos acerca da literatura historiográfica da expansão ultramarina portuguesa, da Reforma e da Contra-Reforma, da formação da Companhia de Jesus, da sua missão no Oriente, mormente no Japão etc.

Hoje, sinto-me de alguma forma satisfeita porque, ao menos a minha intuição não estava completamente errada sobre um dos pilares que, se falarmos exageradamente, sustentam a pesquisa em Historiografia da Lingüística. De fato, entre os pesquisadores do CEDOCH-DL/USP, seguindo as teorias da Historiografia da Lingüística contemporânea que se desenvolveram na Europa e na América do Norte, não há mais dúvidas quanto à complementariedade entre os estudos historiográficos orientados para o conteúdo das teorias e os orientados para o contexto de sua produção.

Ironia do destino? Quando fui aceita como orientanda da Profa. Dra. Cristina Altman e fiz o recorte para a escolha da documentação, objeto de minha pesquisa, esse critério acabou se tornando critério 'interno', isto é, o lingüístico, e não o 'externo' de que tanto sentia necessidade na fase anterior. Entretanto, a verdade é que o século XVII europeu e japonês está distante no tempo e também no espaço de nós, o que, confesso, não me deu segurança se de fato conheço devidamente o contexto da produção lingüística missionária. Duas afirmações me preocupam: uma de Buescu (1983), sobre a pressuposição da noção de modelo 'universal' de descrição para as línguas 'exóticas' com o uso do modelo latino de então e da Dra. Tânia de Lucca, do Departamento de História da FCLAs-Unesp, de que existiria uma metodologia de pesquisa historiográfica para diferentes períodos da história e, portanto, uma para o século XVII (numa conversa informal).

Outra verdade: parece que tão cedo não poderei mudar o objeto de estudo da minha pesquisa. O Pe. João Rodrigues continuará o meu 'herói'.